



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANNE EMANUELA MARINHO BATISTA**

**Produção do gênero fábula por alunos do 5º ano do ensino  
fundamental: o ensino pautado na escrita e na reescrita de texto**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2013**

**ANNE EMANUELA MARINHO BATISTA**

**Produção do gênero fábula por alunos do 5º ano do ensino fundamental: o ensino pautado na escrita e na reescrita de texto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> MS. Paloma Sabata Lopes da Silva

CAMPINA GRANDE – PB  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –  
UEPB

B333p

Batista, Anne Emanuela Marinho.

Produção do gênero fábula por alunos do 5º ano do ensino fundamental [manuscrito]: o ensino pautado na escrita e na reescrita de texto. / Anne Emanuela Marinho Batista. –2013.

**24 f.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.**

“Orientação: Profa. Ma. Paloma Sabata Lopes da Silva, Departamento de Letras”.

1. Ensino Fundamental 2. Escrita 3. Oralidade 4. Produção Escrita I.. Título.

21. ed. CDD 372.62

ANNE EMANUELA MARINHO BATISTA

**Produção do gênero fábula por alunos do 5º ano do ensino fundamental: o ensino pautado na escrita e na reescrita de texto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Aprovada em 03/09/2013.

Paloma Sabata L. da Silva  
Prof.<sup>a</sup> MS. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB  
Orientadora

Ricardo Soares da Silva  
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB  
Examinador

Nayara Araújo Duarte  
Prof.<sup>a</sup> MS. Nayara Araújo Duarte / UEPB  
Examinadora

Média: 9,0

## **Produção do gênero fábula por alunos do 5º ano do ensino fundamental: o ensino pautado na escrita e na reescrita de texto**

BATISTA, Anne Emanuela Marinho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo está focado na descrição da escrita e reescrita do gênero fábula por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. Tendo como bases teóricas Marcuschi (2008), Bastos (2001), Ramos (1997), entre outros estudiosos que tratam sobre a relação entre a oralidade e a escrita no cotidiano escolar, o trabalho busca identificar e classificar os problemas mais frequentes nessas escritas, tais como: marcas de oralidade na escrita, coesão e coerência textuais. Para a realização da pesquisa foi aplicada uma sequência didática baseada no modelo de Schneuwly e Dolz (2004). O gênero fábula foi escolhido por ter sido criado nos moldes da oralidade, uma vez que esse gênero era contado através da fala e por ser um gênero de aspecto curto. Além de trabalhar a escrita desses alunos através desse gênero, as fábulas trabalhadas, apresentando temáticas diferentes, buscaram despertar no aluno o senso crítico de forma que pudessem se expressar de maneira concisa e objetiva diante das situações que lhes foram apresentadas. Concluímos, assim, que alguns dos alunos realizaram as produções apenas como forma de cumprimento da atividade, pois durante a apresentação da proposta de reescrita existiu uma resistência por parte dos alunos: alguns trocaram apenas nomes de personagens ou inverteram parágrafos, outros fizeram pequenas adequações. Porém, existiram aqueles alunos que realmente se interessaram e não viram a produção como uma simples atividade e, sim, como o meio de expressar seu ponto de vista em um determinado assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero fábula. Marcas da oralidade. Produção escrita.

### **ABSTRACT**

This article focuses on the description of the writing and rewriting of the fable genre by students of the 5th year of Primary Education I. Having as theoretical bases Marcuschi (2008), Bastos (2001), Ramos (1997), among other scholars that deal with the relationship between orality and writing in school daily life, the work seeks to identify and classify the most frequent problems in these writings, such as: marks of orality in the writing, textual cohesion and coherence. For the achieving of the research it was applied a didactic sequence based on the Schneuwly and Dolz model (2004). The fable genre was chosen because it was created in the manner of orality, since this genre was told through speech and for being a gender of short aspect. Besides of working the writing of these students through this genre, the worked fables, presenting different themes, sought to awaken in the student critical thinking so that they could express themselves concisely and objectively on the situations presented to them. We conclude that some of the students performed the productions just as an obligation of the activity, because during the presentation of the proposal of rewrite there was a resistance by the students: some of them exchanged only a few names of characters or reversed paragraphs, while others made small adjustments. However, there were those students who were really interested and did not see the production as a simple activity, but as the means to express their views on a particular subject.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, Campina Grande, PB.

**KEYWORDS:** Fable genre. Marks of orality. Written production.

## 1 INTRODUÇÃO

Na vivência escolar, a escrita é um desafio para os educadores. A maioria das crianças utiliza-se de marcas da oralidade nesse processo, carregando-as por muito tempo nessa fase educacional, até conseguir distinguir as duas modalidades e perceber que a escrita requer atenção estruturais por parte do produtor do texto.

Fala e escrita são duas modalidades diferentes de interação, que apresentam características distintas. Assim, a escrita é um ato mais complexo do que a fala, visto que a fala é adquirida em situações espontâneas e, no processo da escrita, antes de escrevermos, precisamos realizar o planejamento prévio entre o que pensamos e o que vamos colocar no papel.

O que se vê nas escolas, sejam elas estaduais, municipais ou particulares, são alunos desmotivados à leitura, que leem apenas com o intuito de realizar alguma atividade proposta pelo professor, entretanto é necessário ressaltar que existem aqueles que possuem a prática de leitura e, conseqüentemente, um senso crítico em cima do ato de ler.

A produção de gêneros textuais em sala de aula é pautada como cumprimento de atividade proposta pelo professor. No entanto, pode ser realizado um trabalho diferenciado, no qual mostre ao aluno a importância e a utilidade de alguns gêneros presentes no dia a dia.

Tendo em vista essa prática de atividade contextualizada, como objetivo geral procuramos subsídios para descrever a escrita e reescrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. O gênero fábula foi escolhido por ser uma história curta, contada em verso ou prosa, e que tem como personagens animais com características humanas.

Como objetivos específicos, procuramos identificar e classificar os problemas mais frequentes nas produções desses alunos, tais como: marcas de oralidade na escrita, coesão e coerência textuais, troca de fonemas, entre outros, a fim de apresentar possíveis soluções para sanar as dificuldades encontradas.

Para realização deste trabalho foi aplicada uma sequência didática, contemplando um total de onze aulas. Sequência didática é um conjunto de atividades organizadas pra trabalhar um gênero textual oral ou escrito, ela tem

a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais

adequada numa dada situação de comunicação [...] As sequencias didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagens novas ou dificilmente domináveis (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 97-98).

Quando o aluno verbaliza através da escrita, ele não se preocupa em fazer as adaptações necessárias e transcrevem da mesma forma que falam. Problemas como falta de pontuação, coerência e coesão, marcas da oralidade cotidiana geralmente são perceptíveis nessas escritas.

Utilizando como base teórica as abordagens de Marcuschi (2008), Bastos (2001), RamoS (1997), entre outros estudiosos que tratam sobre a relação entre a oralidade e a escrita no cotidiano escolar, o presente artigo divide-se nos seguintes tópicos: “A produção textual na escola”, que se trata de como é realizada a abordagem da produção no ambiente escolar, se dividindo nos subtópicos “O ensino da produção textual: a relação entre a fala e a escrita” e “Atividades de produção de texto: escrita e reescrita”, assim como “A importância do planejamento das atividades pelo professor”, seguindo com o referencial metodológico e a análise dos dados, que está dividida em escrita e reescrita.

## **2 A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA**

Na escola, a atividade de produção textual, assim como toda atividade realizada, é encarada pelos alunos como uma prova, cujo objetivo se volta à obtenção de notas, e não como um meio para adquirir conhecimento a fim de transformá-los em bons leitores e bons escritores, de forma que possam expressar um ponto de vista através da escrita. Assim, quando se pede uma reflexão sobre o texto escrito, o aluno fica “perdido” em suas próprias palavras, sem sequer saber o que o professor solicitou na proposta de produção.

Considerando esse contexto de ensino, o presente tópico apresenta uma explanação sobre a relação que existe entre a escola, a fala e a escrita, assim como a importância existente nos planejamentos das atividades pelo professor.

### **2.1 O ensino da produção textual: a relação entre fala e escrita**

Desde os primórdios, a humanidade procurou se relacionar, interagir com o outro e, buscando um meio de registrar essa comunicação, utilizou-se de gravuras em pedras, pergaminhos, chegando à escrita impressa no papel. Através desta última e atual forma de

escrita, a humanidade seria capaz de tecer conhecimentos e trocar informações. Pode-se afirmar, segundo os PCN (1997), que o texto é

o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. (PCN, 1997, p. 23)

Tendo o texto como um meio de comunicação e conhecimento, o que acontece em algumas instituições de ensino é que o aluno adentra no meio escolar com uma visão limitada sobre a leitura e a escrita, o que acarreta uma dificuldade para o aluno distinguir diferenças entre fala e escrita. Na prática, a fala possui características próprias que o falante utiliza, como por exemplo, os gestos. Segundo Marcuschi (2008, p.26), “a escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica”, assim, a escrita exige um contexto mais formal.

Fala e escrita devem ser trabalhadas em sala-de-aula de forma diferenciada, visto que a escrita é mediada pela fala. Assim, os alunos poderão perceber as propriedades e funções que cada uma possui. Assim, a escola tem papel fundamental no ensino da distinção entre fala e escrita, e cabe-lhe dar ao aluno acesso devido à escrita e aos discursos que a evoluem. Com isso, os PCN (1997) propõem que a escola ensine o aluno

a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. (PCN, 1997, p. 27).

Ou seja, é necessário que no ambiente escolar o aluno passe por situações no qual utilize as formas de oralidade citadas nos PCN, para que assim ele saiba distinguir e comporta-se diante das situações que lhe forem impostas.

Porém, não cabe à escola ensinar o aluno a falar, pois se trata de um conhecimento adquirido anteriormente à fase escolar, conhecimento este que decorre do meio social em que a criança está inserida. Afirma os PCN (1997, p. 38) que “A capacidade de língua oral que as crianças possuem ao ingressar na escola foi adquirida no espaço privado: contextos comunicativos informais, coloquiais, familiares.” Cabe sim à escola intervir para que ela saiba utilizar a linguagem oral e se adequar ao que venha ser solicitado.

Visto que o texto escrito é uma articulação de ideias e exige de uma ordem, Marcuschi (2008, p.17) vem salientar que

a escrita não pode ser tida como uma mera representação da fala porque ela não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade que contribuem para o esclarecimento da situação, tais como, a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros, assim como a oralidade não pode reproduzir muitos fenômenos da escrita.

Dessa forma, quando o aluno é esclarecido das diferenças que a fala e a escrita possuem, ele irá distinguir essas expressões e não se utilizará delas, de modo que busque outros elos coesivos para dar sentido a seu texto.

Segundo Libâneo (1994, p.79), “o ensino é um processo, ou seja, caracteriza-se pelo desenvolvimento e transformação progressiva das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades, e sua aplicação”. A escola é formadora de cidadãos, assim formadora de suas capacidades intelectuais.

## **2.2 Atividades de produção de texto: escrita e reescrita**

A produção textual utilizada como *corpus* deste trabalho foi planejada com base no gênero fábula, assim foram realizadas em sala de aula leituras acerca do gênero e discussões em volta da moral presente em cada uma das fábulas lidas. As fábulas trabalhadas foram do fabulista Esopo com adaptação de Ivana A. Leite, as temáticas trabalhadas foram a ganância presente na história “d'A galinha e os ovos de ouro”, a valorização do trabalho em “A cigarra e a formiga” e, por fim, a esperteza em “Os burros e a carga de sal”, esta última serviu como base para a produção dos alunos. Para essa produção foi, realizada uma sequência didática, descrita por Schneuwly e Dolz (2004, p.97) como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Em uma sequência didática a produção de texto é realizada de forma que sejam trabalhadas as dificuldades do aluno. Assim, é necessária a reescrita do texto uma, duas ou até mais vezes, de maneira a sanar os problemas encontrados. Porém, em sala de aula os alunos que não estão habituados a essa prática têm uma certa resistência em realizar essa reescrita, chegando a reescrever o texto da mesma forma, mudando apenas personagens ou até mesmo invertendo os parágrafos. Mas existiram aqueles que absorveram o que foi orientado e

melhoraram o seu texto, foram feitos apontamentos como a falta de elos coesivos, a falta de pontuação e coerência nas ideias contidas no texto.

Uma grande dificuldade que os alunos do 5º ano tiveram foi o fato de escrever da mesma forma que oralizavam as palavras, desconhecendo que fala e escrita possuem regras diferentes, e o que muitas vezes é cabível na fala não é adequado à escrita. Assim, trazendo como exemplo as dificuldades para sala de aula, os alunos identificaram e até corrigiram as inadequações ali presentes, mas no ato da reescrita, alguns dos mesmos alunos cometeram as mesmas inadequações e só readaptaram o que foi apontado no texto escrito.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PELO PROFESSOR**

Grande parte das escolas possuem um ensino tradicionalista, que é voltado para o ato de decorar, para Libâneo (1994, p.78)

O professor passa a matéria, o aluno recebe e reproduz mecanicamente o que absorveu. O elemento ativo é o professor que fala e interpreta o conteúdo. O aluno, [...], tem uma atividade muito limitada e um mínimo de participação na elaboração dos conhecimentos.

No entanto, esse histórico vem mudando, pois já existem alguns livros didáticos que buscam instigar o aluno a pensar, de forma que os mesmos possam construir o conceito do que estiver sendo trabalhado em sala de aula. O texto não é mais visto como um pretexto e, sim, como um formador de opiniões.

Para a realização das atividades em sala de aula, o planejamento feito pelo professor é de suma importância, pois tendo um planejamento prévio, o professor não agirá de forma improvisada, assim Libâneo (2008, p.149) esclarece que

O planejamento escolar consiste numa atividade de previsão da ação a ser realizada, implicando definição de necessidades, procedimentos e recursos a serem empregados, tempo de execução e formas de avaliação. O processo e o exercício de planejar referem-se a uma antecipação da prática, de modo a prever e programar as ações e os resultados desejados, constituindo-se numa atividade necessária à tomada de decisões.

Com isso, o planejamento é uma tarefa do docente prevendo as atividades didáticas, assim como sua revisão e adequação no decorrer do processo de transmissão para o aluno.

Tendo em vista a importância do planejamento, os textos trabalhados em sala de aula foram retirados do livro *Fábulas: Esopo, 2004*, Escala Educacional. Este livro é composto por várias fábulas do fabulista Esopo, no qual traz também um breve histórico de quem foi Esopo e umas atividades acerca das fábulas para serem trabalhadas com os alunos. Além disso, foram realizadas pesquisas na internet e trazido um vídeo retirado do site *You Tube* sobre a fábula “A cigarra e a formiga”, em uma versão animada.

Fábula vem do latim *fari* = falar e do grego *pháo* = dizer, contar algo. Seu principal objetivo é ensinar o leitor através de sua moral. Muitos são os fabulistas, a exemplo de Esopo, Fedro, La Fontaine, Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Manoel de Melo, Bocage, Monteiro Lobato e outros. Mas destacamos em sala de aula: Esopo, que contava suas histórias como forma de convencer os ouvintes a agirem com o bom senso e defendendo seus interesses, fazendo parte do período em que a moral da fábula era parte fundamental como forma de persuasão; Fedro, fabulista latino que iniciou através da inspiração na escrita de Esopo, porém sua forma era mais satirizada e fazia críticas à sociedade da época; e por fim, Jean de La Fontaine, que se encaixa na versão da fábula modernizada, transformando-a um pouco em teatro. Com seu aspecto moralista, as fábulas de La Fontaine abordam temas como o valor da inteligência sobre a força, a derrota dos presunçosos e orgulhosos, a vitória da bondade sobre a astúcia, o valor do bem sobre o mal.

#### **4 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

Neste tópico, apresenta-se a metodologia aplicada no decorrer da pesquisa. A metodologia tem suma importância uma vez que vem apresentar o que ocorreu e foi realizado durante a pesquisa. É a aplicação dos procedimentos que vem ser observados na construção do conhecimento. O tópico está dividido na descrição dos sujeitos envolvido na pesquisa, apresenta a sequência didática aplicada, assim como o referencial para a coleta e a análise dos dados.

##### **4.1 Sujeitos envolvidos**

O trabalho foi realizado com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular, situada na cidade de Campina Grande – PB.

A pesquisa foi aplicada pela professora, que também é pesquisadora desse estudo, no momento em que cursava o sexto período do curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa. Porém, nesta escola, anteriormente, a experiência adquirida foi de professora

auxiliar na Educação Infantil e, quando necessário, professora substituta no Fundamental I. Além das práticas realizadas nos estágios obrigatórios, como componente curricular do curso no ensino Fundamental II.

A turma em que a pesquisa foi aplicada, era composta por 18 alunos, com faixa etária de 10 a 12 anos, sendo 5 meninas e 13 meninos. A participação dos alunos era frequente, gostavam de fazer a leitura dos textos em voz alta, participavam expressando o ponto de vista, se colocando no lugar dos personagens das fábulas trabalhadas.

Na turma não existiam repetentes, assim era o primeiro ano que eles tinham sido meus alunos. Tínhamos uma relação de respeito, amizade e confiança.

#### 4.2 A Sequência Didática Aplicada

A sequência trabalhada com esses alunos contemplou o gênero Fábula, aplicada num total de onze aulas com 40 minutos cada uma delas, divididas em 5 módulos, como segue a tabela abaixo – (Quadro 01). A partir da primeira escrita dos alunos, foi estabelecida como atividade a reescrita dos textos, com o intuito de que os alunos se corrigissem de forma que percebessem as adequações necessárias no processo da reescrita dos textos.

Quadro 01: Sequência aplicada com a turma

<b>Módulos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Materiais</b>	<b>Duração</b>
<b>01. Apresentação da situação</b>	- Identificar as características do gênero fábula.	- Leitura das fábulas de Esopo, para através da leitura identificar as características existentes.	- Cópias impressas das fábulas; - Lousa e pincel.	1 aula / 40 min
<b>02. Caracterização do gênero (Fábulas)</b>	- Discutir sobre a fábula, para mostrar qual a lição que a mesma nos traz.	- Leitura da fábula “A galinha dos ovos de ouro” - Discussão em grupo sobre a lição que a mesma nos traz. (roda de leitura) - Anotações sobre a discussão.	- Cópias impressas das fábulas; - Lousa e pincel; - Folhas de ofício para anotações.	2 aulas/ 1 hora e 20 min
<b>03. Fábulas animadas</b>	- Assistir fábulas animadas;	- Leitura visual e anotações sobre a	- Vídeos retirados do Youtube e data	3 aulas / 2 horas

	- Compreender características do gênero, nas fábulas assistidas. - Comparar as diferentes versões da fábula “A Cigarra e a Formiga”	fábula assistidas. - Comparação das versões da fábula “A Cigarra e a Formiga”.	show. - Folhas de ofício para anotações.	
<b>04. Leitura e escrita</b>	- Ler uma fábula e através da moral criar outra.	- Leitura da fábula “Os burros e a carga de sal”, pequena discussão e escritura de outras fábulas a partir da moral da história.	- Cópias impressas das fábulas.	3 aulas / 2 horas
<b>05. Escrita final</b>	- Reescrever a fábula.	- Leitura de suas próprias fábulas, com o intuito de reescrevê-las.		2 aulas/ 1 hora e 20 min

As atividades foram aceitas pelos alunos e realizadas com êxito, assim elas foram trabalhadas da seguinte forma:

- Módulo I – 1 aula e módulo II – 2 aulas

Nesses módulos, houve uma abordagem para saber o conhecimento dos alunos sobre o gênero que seria trabalhado. Após, foi apresentado o gênero fábula, como sua origem, características e autores, foi feito um breve histórico sobre Esopo e La Fontaine, e feita uma ponte em relação à escrita de ambos. Em seguida foram entregues fábulas de Esopo com diferentes temáticas para que as crianças fizessem a leitura para serem discutidas e identificadas às características.

Dando continuidade, foi feita a leitura da fábula “A galinha e os ovos de ouro” e a socialização com os alunos a partir da moral da história. Esse trabalho foi realizado em um círculo, de forma que todos os alunos fossem visualizados e participativos com suas anotações, que partiram de três perguntas:

- 1- O que vocês fariam no lugar dos camponeses?
- 2- Vocês acharam certo, a atitude dos camponeses? Por quê?
- 3- O que a moral da fábula quer nos dizer?

- Módulo III – 3 aulas

Nesse módulo, foram apresentadas três versões da fábula “A cigarra e formiga”, a primeira foi de La Fontaine, que foi lida e discutida; a segunda foi uma versão adaptada de Vaz Nunes de 2003 e a terceira foi uma versão animada retirada do site *Youtube*. Os alunos ficaram muito atentos, tanto na leitura das fábulas escritas quanto na apresentação da fábula visual. Nesse dia, os alunos gostaram bastante, pois foi uma aula diferente, quiseram assistir várias vezes às fábulas.

Depois, foi pedido para que os alunos tirassem suas conclusões e comparações entre as três fábulas, apontando as diferenças, semelhanças e expressando sua opinião sobre elas, de forma que apontassem aquela com que mais se identificou e o porquê.

- Módulo IV – 3 aulas

No quarto módulo foi estabelecido que os alunos realizassem a primeira produção escrita. Para isso, foi feita a leitura e discussão da fábula “Os burros e a carga de sal”, para que a partir da moral desta fosse criada uma nova fábula. Assim, foi preciso que os alunos relembressem as características principais que cercam o gênero, tais como, os personagens que são animais com hábitos e qualidades humanas e a moral da história que nos traz um ensinamento.

- Módulo V – 2 aulas

Após a primeira escrita, foi necessária a reescrita das fábulas. Para essa etapa, a professora fez anotações referentes à, como por exemplo, falta de pontuação, ligação entre os parágrafos, de forma que orientassem os alunos nessa nova elaboração. Assim, foram realizadas breves orientações individuais, já que havia anotações escritas nas produções. Nessas orientações aconteceram breves conversas com apontamentos nos textos de forma que pudessem guiar os alunos nas reescritas, como por exemplo erros de concordância.

### **4.3 Para a coleta dos dados**

A coleta de dados da pesquisa foi realizada de acordo com a aplicação da sequência didática, uma vez que o objeto de estudo é a escritas dos alunos. A sequência foi planejada conforme as orientações fornecidas em Schneuwly e Dolz (2004), dividida em módulos que contemplavam a leitura e escrita dos alunos. Com o número de dezoito alunos em sala de aula, a proposta de escrita foi apresentada para que fosse realizada a primeira produção. Com estas em mãos, foi necessária a reescrita de acordo com os apontamentos orientadores.

Thiollent (*apud* Brandão 1999, p.83) afirma que “a P.A (pesquisa-ação) supõe uma participação dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de uma determinada ação”. Assim, a participação dos alunos para essa reescrita foi fundamental, já que, foram detectadas inadequações nas escritas as quais só os próprios alunos iriam readaptá-las. Thiollent ainda diferencia a P.A da pesquisa participativa (P.P), dizendo que o objetivo/preocupação desta concentra-se mais no pesquisador do que no pesquisado. Portanto a pesquisa realizada é classificada como pesquisa-ação.

Com base nas reescritas dos alunos, das dezoito escritas, apenas três foram objeto desse estudo. Uma vez que o método de escolha foi uma escrita classificada como inadequada, uma intermediária e uma boa, para que assim fosse possível mostrar os diferentes níveis da escrita entre esses alunos.

#### **4.4 A análise dos dados**

Com a sequência didática aplicada e a escrita dos alunos em mãos, foi realizada uma análise descritiva e interpretativa, já que a pesquisa descritiva “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2009, p.42). Assim, com a segunda escrita, foi possível fazer uma análise comparativa, uma vez que a interpretação dos dados colhidos, segundo Gil (2009), consiste em “estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos”. No entanto, essa metodologia de análise é conhecida como análise descritivo-interpretativista. Através dessas duas escritas foi possível perceber em que alguns alunos se adequaram e se autocorrigiram.

### **5 ANÁLISE DOS DADOS**

Após os estudos acerca do gênero fábula, das leituras de fábulas com temáticas diferentes com as discussões, e do texto base “Os burros e a carga de sal”, foi solicitada a primeira escrita dos

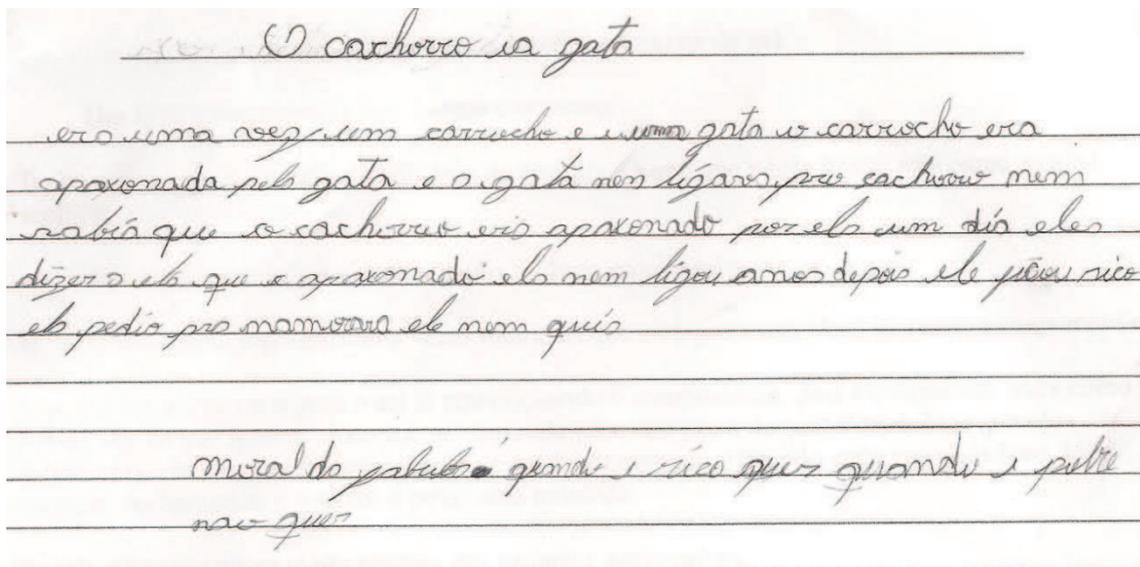
alunos. O enunciado era da seguinte forma: “Utilizando de sua imaginação e do ensinamento que a fábula ‘Os burros e a carga de sal’ nos traz, crie sua fábula. Não esqueça, os personagens são animais com costumes humanos e ela tem que ensinar algo, ou seja, não esqueça da moral da história”.

Assim, dessa primeira produção foram retiradas três para serem analisadas. Essas produções serão identificadas como Aluno 1 (A1), Aluno 2 (A2) e Aluno 3 (A3).

### 5.1 Escrita

Rocco (Apud Bastos 2001, p. 17) define coesão e coerência “como sendo aquele tipo de qualidade textual que *traduz a organização lógica do pensamento*, o manejo satisfatório bem como a habilidade de tratar com a estruturação verbal...” (grifos do autor). Assim, a autora ainda afirma que existe uma crise na linguagem dos adolescentes, uma vez que eles “não são capazes de manifestar através da linguagem um pensamento mais elaborado porque não são capazes de pensamentos mais elaborados”.

O aluno A1 não se utiliza de elos coesivos, existe a troca de alguns fonemas, repetição de algumas palavras, falta de pontuação, como é possível perceber abaixo:



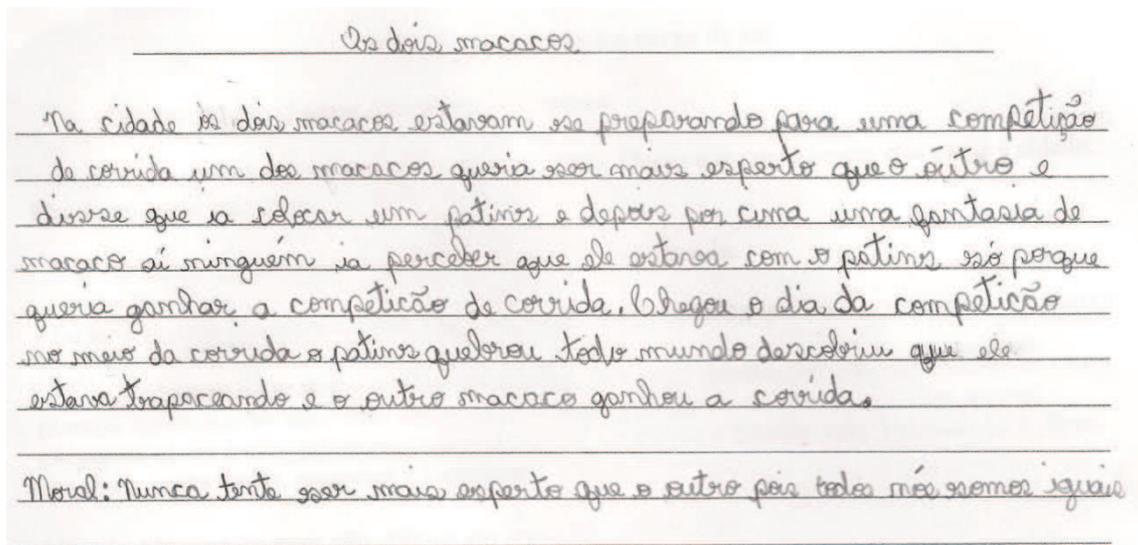
Produção 1: Escrita do aluno A1.

O texto desse aluno (A1) está confuso, no entanto, através da moral da história o leitor pode perceber que se trata de uma rejeição entre os personagens devido à classe social, no qual o aluno diz “Quando e rico quer quando e pobre não quer”. Observando no texto, isso é perceptível quando o aluno no final do texto apresenta o fato de que “[...]anos depois ele ficou rico ela pediu pra namorar ele nem quis”. Existe, nesse texto, um reflexo do que é visto na

sociedade, a diferença da classe social, causando certo preconceito e logo em seguida o interesse devido à mudança que ocorreu de classe social: antes o personagem era pobre e depois ficou rico.

Essa foi a primeira produção do Aluno A1 e, tomando como referência a reescrita desse aluno, o texto se classificou como inadequado.

Na segunda produção identificamos outras características. Na produção de A2 percebemos que o aluno não utilizou do diálogo, faltou pontuação para que o leitor situasse as ideias contidas no texto e apresentou traços típicos da oralidade.



Produção 2: Escrita do aluno A2.

Ramos (1997, p.58) diz que “Nas redações escolares, os chamados erros de pontuação são muito frequentes [...], são diagnosticados como interferência da oralidade na escrita”. A autora ainda sugere que o texto seja utilizado para trabalhar a pontuação, não como um pretexto, mas sim como “uma atividade responsável e individual”.

Ao ler o texto, o leitor pode compreendê-lo sem problema. O aluno utilizou como personagens principais os animais – típicos do gênero – e a temática utilizada foi a astúcia de um sobre o outro, o aluno enfatiza na moral da história que somos todos iguais e não é necessário trapacear para mostrar que somos capazes de realizar algo.

Essa segunda produção foi classificada como intermediária, uma vez que, apesar das inadequações do ponto de vista da coesão, o texto estava compreensível. A terceira e última produção é do aluno A3.

Na produção do aluno A3 os erros ortográficos foram muito recorrentes, as trocas de fonemas, por exemplo. Vejamos:

Os leões e a implicância

Era um dia de escola e os leões iam a escola e tinha um leão que divertia muito todos mas tinha leões que implicava com ele:

A tia disse fassam essa tarefa:

-Eu vou brincar com todos no recreio.

-Tá ser bom.

O leão que implicava tá começando:

-É tá tu e tá feio que quando o médico disse para todos da sua mãe ele disse calaca no fano que ainda não tá pronto kkkkkk.

O leão ficou com raiva e falou outra coisa com o leão que implicava, mais a tia viu e colocou ele sem recreio e o outro leão ficou lá rindo. Mas a tia deixou ele brincar e o leão implicou com ele depois, mas a tia viu e deixou ele e mais todos sem recreio e só ia entrar na escola se tivesse com o pai ou a mãe.

Moral: Aquelas que brigam com as outras sempre vão se prejudicar.

### Produção 3: Escrita do aluno A3.

O texto ficou confuso porque se tratava de dois leões, que estudavam juntos e implicavam um com o outro, porém, no decorrer da história, o aluno não identificava quem estava falando e por se tratar de dois animais que são iguais dificultou a compreensão. Ainda é possível perceber trocas de fonemas ou a falta deles, em trechos como: “[...] **fassam** essa tarefa”, “Eu vou **bricar** [...]”, “[...] **tam** feio [...]”, entre outros, e ainda utilizou do traço kkkkkk para identificar a gargalhada do personagem, traço esse utilizado apenas em mensagens instantâneas ou mensagens de celular. A produção de A3 foi classificada em boa, uma vez que na reescrita o aluno fez as adequações necessárias, após as orientações da professora.

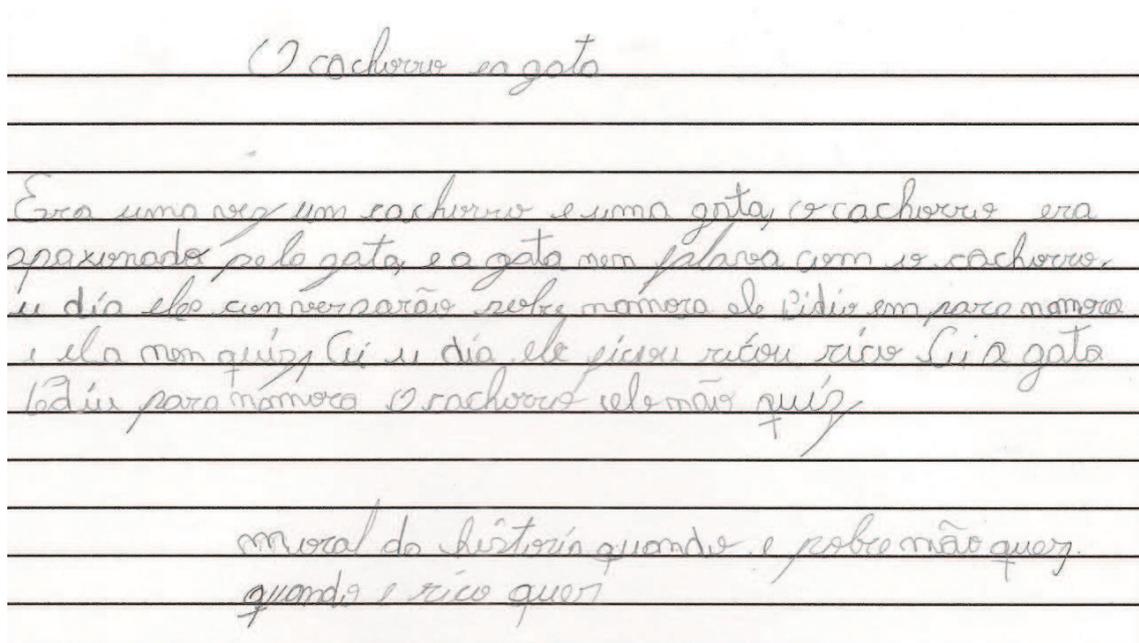
Com essa primeira escrita realizada e analisada foi solicitado aos alunos que fizessem uma reescrita de seus textos. Assim, o próximo item trata da reescrita desses alunos após as orientações estabelecidas.

## 5.2 A reescrita

Necessariamente, foi solicitada a reescrita dos textos desses alunos. Para essa reescrita, foram feitas orientações individuais e anotações nas produções, de forma que guiassem os alunos a fazerem as adequações necessárias.

Bastos (2001, p.22) estabelece dois níveis de coerência em textos narrativos, o primeiro a coerência narrativa, no qual o nível de narrar a história aproxima-se do ato da fala e, a coerência ligada à interlocução que é a inserção do texto em situações comunicativas.

O primeiro texto do aluno A1 estava confuso e, mesmo com a orientação dada, apontando a falta de elos coesivos, a troca de fonemas, falta de diálogo o aluno não obteve avanço nenhum nessa segunda produção.



Produção 4: Reescrita do aluno A1.

Pode-se perceber que o aluno apenas fez a alteração de alguns fonemas e de alguns sinais de pontuação. Assim, o texto continua com uma difícil compreensão. Bastos ainda conclui que “[...] os alunos conhecem o esquema narrativo determinado por sua cultura e sabem, portanto, narrar de acordo com esse esquema. Os problemas se dão, no texto, no nível da inserção deste numa determinada situação de comunicação”. (2001, p.22)

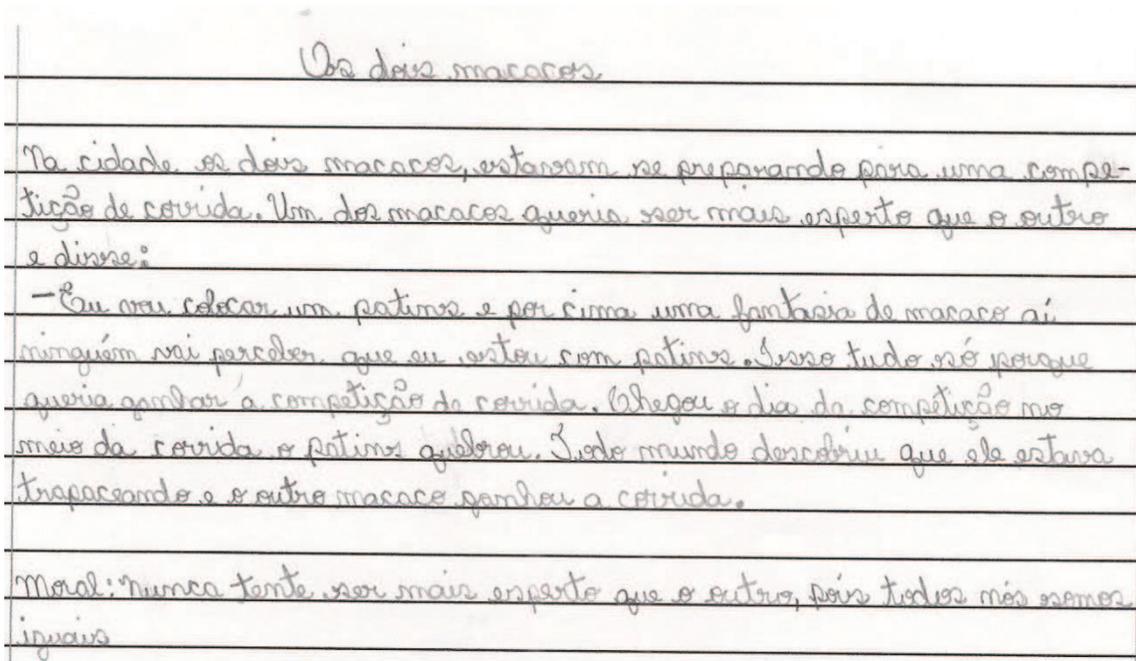
O quadro a seguir apresenta as inadequações na primeira escrita e que persistiram na segunda.

1ª escrita	2ª escrita
Ia – e a	Ea – e a
Carrocho – cachorro	Apaxonado – apaixonado
Apaxonada – apaixonada	Nen – nem
Nen – nem	U – um
Eles dizer – ele disse	Conversarão – conversaram
Que e apaxonado – que era apaixonado	Namora – namorar
Pedio – pediu	Pidio – pediu
Namorara – namorá-lo	Quiz – quis

Quadro 1: Aluno A1

Casos como a troca de desinência verbal **conversarão – conversaram**, a queda do fonema final da palavra, dando origem ao processo fonológico denominado apócope **namora – namorar**, entre outros exemplos. Assim, o aluno continuou persistindo nos erros, desconsiderando a orientação do professor. Sem o avanço na produção do aluno, partiremos para a segunda reescrita do aluno A2.

É importante quando o aluno segue a orientação estabelecida e adequa seu texto, foi o que ocorreu com o aluno A2 que seguiu as orientações, fazendo as adequações necessárias. No entanto, ao reestruturar o diálogo o aluno não fez a divisão do texto que resultaria em um terceiro parágrafo.



Produção 5: Reescrita do aluno A2.

O texto é compreensível aos olhos do leitor, o aluno fez o encadeamento coeso e coerente. As ideias estão encadeadas, no entanto, persistiu com a falta de estruturação do diálogo. Com isso, o texto obteve um avanço, mas ainda foi classificado como uma escrita intermediária.

Partindo para a terceira e última reescrita, observamos que o aluno A3 seguiu as orientações e fez as adequações necessárias, no entanto, ainda utilizou do traço “kkkk” para indicar a risada de um dos personagens, persistindo também com troca de fonemas em **brejudica – prejudica** e concordância de número em **as pessoa – as pessoas**.

## 19 Leão, a Zelera, o chimpanzé e a implicância

Era um dia de sol e o Leão, a Zelera e o chimpanzé iam à escola e o Leão tirava notas boas, mas o chimpanzé implicava com ele:

A tia disse:

- Façam essa tarefa.

19 Leão disse:

- Vou começar de casa no recreio.

A Zelera disse:

- Vai ser bom.

19 chimpanzé começou a implicar:

- Ei Zeca, tu é tão feio que quando a médica tirou nota da sua mãe ele disse calaca no formato que ainda não tá pronto kkkkkk.

19 Leão ficou com raiva e disse:

- Tu é, após tua mãe e tão feio tão que quando ela vi as pessoas morrem de infarto.

A tia viu e disse:

- Leão, tu tá sem recreio.

19 chimpanzé ficou rindo:

- kkkkkkk.

mas a tia teve outra decisão e disse:

- Pode brincar Leão.

19 Leão foi brincar mas o chimpanzé implicou com ele de novo, mas a tia viu e deixou o chimpanzé o mês todinho sem recreio e só iria entrar na escola se viesse com o pai ou a mãe.

Moral: aqueles que brigam com os outros sempre vai se brincar.

Quanto à aprendizagem efetiva em sala de aula, Costa Val (2002, p.118) afirma que “alguém aprende alguma coisa quando se torna capaz de reconstruí-la e explicá-la por si mesmo, por seu próprio trabalho mental”. Observando o quadro 2 pode-se perceber a diminuição das inadequações e a importância que o aluno deu as orientações do professor de forma que melhorou e muito seu texto.

1ª escrita	2ª escrita
Implicamcia – implicância Dirava – tirava Leões que implicava – leões que implicavam Fassam – façam Bricar – brincar Tam – tão Dirou – tirou Bronto – pronto Kkkkk – risadas Vio – viu Ia entra – entraria/iria entrar Vice – viesse Vai – vão Brejudicar – prejudicar	As pessoa – as pessoas Infarto – infarto Brejudica – prejudica

Quadro 2: Aluno A3

Nessa segunda produção, o texto do aluno tornou-se mais compreensível já que, seguindo a orientação de que o texto estava confuso, ele acrescentou outros personagens à história, não sendo mais dois personagens principais e, sim, três: o leão, a zebra e o chimpanzé. Com isso, o leitor não vai ter dificuldade nenhuma de em identificá-los, uma vez que o aluno já os identificou nos diálogos que estão presentes.

Na primeira produção realizada foi possível perceber que o aluno A1 não soube expressar suas ideias de forma coesa e coerente naquele meio que foi solicitado e mesmo na reescrita o aluno continuou sem encadear as ideias de seu texto, dificultando sua compreensão. No texto do aluno A2, existe o encadeamento das ideias de forma coesa apenas apresentando um erro na estruturação do diálogo que persistiu na reescrita, no entanto, não afetou na compreensão do texto. A produção do aluno A3 apresentou mais erros ortográficos, que foram corrigidos na reescrita.

Com as atividades de escrita e reescrita de textos em sala de aula, corroboramos com a reflexão de Costa Val (2002, p.118) quando diz que

Na primeira infância, as crianças aprendem sua língua, o que inclui a construção interna de uma gramática dessa língua, interagindo com textos falados por adultos e outras crianças à sua volta. Se é assim que se aprende, a melhor maneira de ensinar então, é criar situações em que o aluno tenha oportunidade de interagir com o objeto que se quer que ele conheça.

É preciso, pois, que o aluno tenha um contato previamente com o que for trabalhado, para que ele conheça e tenha uma interação. Assim, saberá utilizar-se de maneira mais adequada quando necessário.

## 6 CONCLUSÃO

O presente artigo procurou descrever a escrita e a reescrita de alunos do 5º ano do ensino Fundamental I, de forma que fossem identificados e classificados os problemas mais frequentes nessas reescritas. Nesse sentido, Libâneo (1994, p.81) afirma que “a escola deve prover aos alunos conhecimentos sistematizados que, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual, sejam úteis para a atividade permanente de estudo e para a vida prática”.

Os alunos realizaram, de modo geral, as produções apenas como forma de cumprimento da atividade, pois durante a apresentação da proposta de reescrita existiu uma resistência por parte dos alunos: alguns trocaram apenas nomes de personagens ou inverteram parágrafos, outros fizeram pequenas adequações, como foi o caso da produção do aluno A1. Porém, existiram aqueles alunos que realmente se interessaram e não viram a produção como uma simples atividade e, sim, como o meio de expressar seu ponto de vista em um determinado assunto, o que foi possível perceber na produção do aluno A3.

A conclusão a qual chegamos pode ser muito bem apresentada segundo a reflexão de Koch (2007, p.26) quando afirma que “a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais” e ainda que “trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos”. Assim, a fábula foi utilizada por seu caráter moralista. E, tendo em vista o êxito da produção do aluno A3, pode-se afirmar que o trabalho atingiu seu objetivo.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e Coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguem na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.
- COSTA VAL, M<sup>a</sup> da G. *A gramática do texto, no texto*. In.: Revista de estudos da linguagem. Faculdade de Letras da UFMG, vol. 10 no. 2. Jul/dez 2002. pp 107-133.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4<sup>a</sup> ed. 12<sup>a</sup> reimp. São Paulo: Atlas, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção de sentidos*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEITE, Ivana Arruda. *Fábulas: Esopo*. São Paulo: Escala Educacional, 2004.
- LIBANÊO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5<sup>a</sup> ed. Revista e ampliada. 2<sup>a</sup> reimp. Goiânia: MF Livros, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: *Repensando a pesquisa participante*. Carlos Rodrigues Brandão (org.). São Paulo: Brasiliense, 1999. p.82-104.